



c r e m o s
num deus
que dança



Uma das imagens mais belas de Deus, é a que nos é definida pela metáfora da dança. Deriva do conceito de περιχορός, o que significa “dança à volta de” (περί: ao redor; χορός: dança). É o intercâmbio de lugares numa união mística, misteriosa e harmoniosa. As Pessoas Divinas dançam, de acordo com compassos diferentes, animadas, porém, pela mesma música. O Deus em quem depositamos a nossa confiança, é um Deus dinâmico, que baila e nos convida a bailar. Se o ser humano foi criado à imagem de Deus Trindade, também a nossa mais profunda vocação há de estar marcada pelo sinal da dança, da música e da harmonia. A vida há de ser uma dança comunitária, em que cada um de nós vai dinamizando o corpo e o espírito. A dança é o contrário da rigidez.

A dança é irmã da valorização positiva do espírito manifestado no corpo. No meio desta nossa época do consumo, do mercado, do rendimento e do cansaço, a dança surge como pura gratuidade. Na sociedade do cansaço, o ser humano não tem tempo nem forças para bailar. Pensa apenas na produção. A sociedade do cansaço é o resultado dum modelo egoísta e narcisista. Numa sociedade de produção, o capital, a acumulação e o mercado são adorados como deuses. Face ao culto do novo deus dinheiro, **a profissão de fé no Deus que dança representa uma espiritualidade de resistência**. Resiste-se ao deus mercado, pondo em movimento o corpo, o espírito, a alma, uma vez que, como diz o filósofo francês Henri Bergson, o império da técnica o que pretende é que o espírito humano se torne rígido.

Tendo em conta o que fica dito, Byung-Chul Han em A sociedade do cansaço (2018) [Folha Dominical da Serra do Pilar nº 1942, de 24.01.2016], defende que a época atual tem como característica profunda o chamado “aborrecimento profundo”, sinal de um excesso de estímulos, informações ou impulsos. Han diz que o ser humano atual vive (ou tem de viver) atento a inúmeros focos de atenção (situação denominada *multitasking*). A rapidez da vida atual não se compagina com a origem específica das conquistas culturais da humanidade, entre as quais a experiência filosófica ou religiosa, dado que esta se elabora com base na vida contemplativa. **Contemplar o mundo, aperceber-se da lentidão dos seus processos naturais, sociais, pessoais, sermos capazes de discernir os seus sinais culturais e os sinais da presença de Deus, é um trabalho que implica tornar mais perspicaz o olhar, o ouvir e o próprio coração**. Para alcançarmos a fecundidade da contemplação, devemos relaxar (o que na sociedade do cansaço não se revela um fator produtivo) e atingirmos o dom da escuta que, antes de mais nada, é uma relação interpessoal. O dom da escuta é a morte do ego, pois nos torna capazes de entrar na vida, nos olhos e nos ouvidos dos outros. Quem não escuta, quem vive encerrado na sua própria *multitasking*, quem não relaxa, quem não vive nem deixa viver, é um ser

humano aborrecido e apático. Perde a paixão de viver e de ajudar os outros a viver melhor.

Que fazer, então, quando nos encontrarmos num período de profundo aborrecimento do eu completamente atarefado? Pormonos a dançar em compasso trinitário! Há um parágrafo da obra de Han que me parece sugestivo, para a compreensão da περιχορός-dança trinitária amorosa e a compasso: “a dança ou o andar como se se estivesse a flutuar, pelo contrário, consistem num movimento completamente diferente. Apenas o ser humano é capaz de bailar. Na melhor das hipóteses, pode suceder que o andar seja invadido por um profundo aborrecimento, de modo a que, através deste ataque de fastio, transite do passo acelerado para o passo de baile. Em

comparação com o andar linear e retilíneo, a dança, com os seus movimentos cheios de arabescos, é um luxo que escapa, totalmente, ao princípio do rendimento”. Dançar inclui acrobacias, movimentos graciosos (daí, a graça de Deus atingir o ser humano como uma experiência dinâmica, cheia de beleza, bondade e verdade), supera o retilíneo, o uniforme e o rotineiro, e propõe uma nova forma de entender o ser humano. A dança não consta do princípio do rendimento, porque está incluída num contexto de festa, que é como que um corte na normalidade.



Se a dança se *conjuga* com a vida contemplativa pode, então, afirmar-se que, na Trindade que dança, não há preocupações de rendimento, não há aspetos de transações económicas, não há cansaço do ego encerrado; na Trindade há, sim, pura contemplação gratuita e uma relação básica do humano e da histórica. Fomos criados à imagem de um Deus Trinitário que dança, e que nos convida a dançar com Ele e com os outros. A dança da vida, a aposta no bem-estar, deve ser musicada por experiências que promovam o bem viver, a harmonia na diferença, a busca de novas formas de compreender Deus. **Um Deus que dança não é um “andar linear e retilíneo”, ou uma imagem fria e calculada, mas, antes, um Deus aberto às sugestões do movimento.** Abrirmo-nos ao novo Deus, é entrar, decididamente, no seu gracioso dançar. A bailar!

Juan Pablo Espinosa Arce. Teólogo chileno.

<https://blog.cristianismejusticia.net/2019/06/03/creemos-en-un-dios-que-danza#more-25528>

Corpo de Deus: a mesa do Senhor é sempre mesa para o faminto



Após a festa da *Trindade de Deus*, celebramos na quinta-feira outra festa “dogmática”, em defesa da doutrina, para recordar a verdade da Eucaristia desejada por Deus como memorial na vida da Igreja até à sua vinda gloriosa. Todos os domingos celebramos a Eucaristia, mas a Igreja pede-nos também para confessar e adorar este mistério inesgotável num dia particular, a quinta-feira da segunda semana após o *Pentecostes*, ou no segundo domingo a seguir à solenidade do *Espírito Santo*, como aconteceu em Portugal em anos recentes, aquando da suspensão do feriado da solenidade.

A denominada narração da “multiplicação dos pães” é atestada por seis vezes nos Evangelhos (duas em Marcos e em Mateus, uma em Lucas e em João), o que nos diz como esse acontecimento foi considerado de particular importância na vida de Jesus. O Evangelho segundo Lucas, proclamado na solenidade (9, 11b-17), é antecedido, no versículo 2, pelo envio dos discípulos, por parte de Jesus, a anunciar a vinda do reino de Deus e a curar os doentes, mostrando

que a missão a Ele confiada por Deus com a descida do Espírito Santo, revelada na sinagoga de Nazaré, era por Ele estendida também à sua comunidade. Cumprida essa missão, os discípulos regressam a Jesus e descrevem-lhe a sua experiência, ou seja, o quanto fizeram e disseram em obediência à sua ordem.

Jesus toma-os então consigo, conduzindo-os à parte para um retiro, num lugar próximo da cidade de Betsaida. Mas as multidões, sabendo para onde Jesus se tinha retirado, seguem-no obstinadamente. E eis que Jesus as acolhe: tinha procurado um lugar de silêncio, solidão e repouso para os discípulos regressados da missão e para si, mas perante àquela gente que o procura, que vai até Ele e o segue, Jesus, com grande capacidade de misericórdia, acolhe-a. É

o estilo de Jesus, estilo hospitaleiro, estilo que não afasta nem declara ninguém como estranho. Estas pessoas querem escutá-lo, sentem que Ele pode dar-lhes confiança e libertá-las, curá-las dos seus males e dos pesos que sobrecarregam as suas vidas, e Jesus, sem se poupar, anuncia-lhes o reino de Deus, e cura-as. Esta é a sua vida, a vida de um servo de Deus, de um anunciador de uma palavra confiada por Deus.

Chega, no entanto, a noite, o sol põe-se, a luz declina, e os doze discípulos entram em ansiedade. Dizem por isso a Jesus: «Despede a multidão para que vá para as povoações e campos em redor, para se alojarem e encontrarem alimento: aqui estamos numa região deserta!». O seu pedido é conduzido pela sabedoria humana, nasce de um olhar realístico, todavia Jesus não aprova essa possibilidade racional, mas pede-lhes: «Vós próprios dai-lhes de comer». Com esta ordem, exorta-os a entrar na dinâmica da fé, que é ter confiança, colocar em movimento aquela confiança que está presente em cada coração e que Jesus sabe reavivar. Mas os discípulos não compreendem, e insistem em pôr diante de Jesus a sua pobreza: só têm cinco pães e dois peixes, alimento suficiente só para eles.

Jesus toma então a iniciativa: manda que se faça sentar toda aquela gente no prado, em grupos de cinquenta, porque não se trata só de matar a fome, mas de viver um banquete, uma verdadeira ceia, na hora em que o sol se põe. Depois, diante de todos, toma os pães e os peixes, ergue os olhos ao céu, como ação de oração ao Pai, bendiz Deus e parte os pães, apresentando-os aos discípulos para que os sirvam, como à mesa, àquela gente. É um banquete, o alimento é abundante e é partilhado por todos. Aqueles que conheciam a profecia de Israel, recordam-se que ocorreu um prodígio que já o profeta Eliseu tinha realizado em tempo de carestia, nutrindo o povo esfomeado a partir da partilha de poucos pães (cf. 2 Reis 4, 42-44). O mesmo faz Jesus, e depois do seu gesto permanece uma quantidade de alimento ainda maior: doze cestas. No coração dos discípulos e de

alguns dos presentes surge assim a convicção de que Jesus é profeta maior do que Elias e Eliseu, é mesmo maior do que Moisés, que no deserto tinha dado de comer maná ao povo saído do Egito.

Mas aqui surge espontaneamente a pergunta: o que significa este acontecimento? Normalmente fala-se da “multiplicação” dos pães, mas na narrativa o termo não existe. Devemos dizer que aconteceu a partilha do pão, aconteceu a fração do pão, e este gesto é fonte de alimento abundante para todos. Deste modo compreendemos como está aqui uma prefiguração daquilo que Jesus fará em Jerusalém na noite da última ceia: «Tomou o pão, deu graças, partiu-o e deu-lhes, dizendo: “Este é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim”». O mesmo gesto é repetido por Jesus ressuscitado no caminho para Emaús, diante dos dois discípulos. Também nesse caso, ao declinar do dia, convidado pelos dois a ficar com eles, «quando estava à mesa, tomou o pão, pronunciou a

bênção, partiu-o e deu-lhes». Três episódios que trazem a mesma mensagem: as multidões, as gentes, o mundo tem fome do reino de Deus, e Jesus, que dele é o mensageiro e o incarna, sacia esta fome com a partilha do alimento, com o partir o seu corpo, a sua vida, oferecida a todos. Eis o mistério eucarístico na sua essência: não nos deixemos encandear por muitas e diferentes doutrinas eucarísticas, mas acolhamos o mistério na sua simplicidade. Cristo dá-se a nós e é alimento abundante para todos; uma vez partido (na cruz), dá-se à Igreja, a nós, a todos aqueles que o procuram e tentam segui-lo, a todos aqueles que têm fome e sede da sua palavra e desejam partilhar a sua vida. Se é verdade que a dinâmica da fração do pão e do partilhá-lo encontra na celebração da ceia eucarística, na liturgia santíssima, um cumprimento, ela é, todavia, também paradigma de partilha do nosso alimento material, o pão de cada dia. A Eucaristia não é só banquete do céu, mesa do corpo e do sangue do Senhor, mas quer ser ensinamento para as nossas mesas do dia a dia, onde o alimento é abundante, mas não é partilhado com quantos têm fome e de estão privados. Por isso, se na nossa eucaristia não participam os pobres, se não há partilha do alimento com quem não o tem, então também a celebração eucarística fica vazia, porque lhe falta o essencial. Já não é a ceia do Senhor, mas uma cena ritual que satisfaz as almas dos devotos, mas em profundidade é uma grave diminuição do sinal querido por Jesus para a sua Igreja. A mesa do corpo do Senhor deve ser sempre mesa da palavra do Senhor e, conjuntamente, mesa da partilha com os necessitados.

Com a partilha dos pães e dos peixes com a multidão, Jesus inaugura um novo espaço relacional entre os humanos: o da comunhão na diferença, porque as diferenças não são abolidas, mas afirmadas sem que sofra a relação marcada pela fraternidade, solidariedade, partilha. Sim,

devemos confessá-lo: **na Igreja perdeu-se esta inteligência eucarística própria dos primeiros cristãos e dos padres da Igreja, houve um divórcio entre a missa como rito e a partilha do pão com os pobres. E se no mundo há fome, se os pobres estão junto de nós e a Eucaristia não tem para eles consequências concretas, então a nossa eucaristia é só cena religiosa e – como diria Paulo – «o nosso há não é um comer a ceia do Senhor».**

Precisamente diante da Eucaristia, cantamos o hino que afirma "*et antiquum documentum novo cedat ritui*" («o hino antigo dê lugar à nova liturgia», mas na realidade permanecemos enclausurados nos ritos e não conseguimos celebrar o “rito cristão”, “o culto segundo a Palavra”, que é oferecido em sacrifício pelos nossos corpos a Deus através do serviço dos pobres e do amor fraterno vivido «até ao fim».

S. João Batista:

Asceta, voz, mestre, dedo, profeta e lâmpada destinada a extinguir-se

Naquele tempo, o rei Herodes mandara prender João e algemá-lo no cárcere, por causa de Herodíades, a mulher do seu irmão Filipe, que ele tinha tomado por esposa. (...) João dizia a Herodes:

«Não podes ter contigo a mulher do teu irmão». Herodíades odiava João Batista e queria dar-lhe a morte, mas não podia, porque Herodes respeitava João, sabendo que era justo e santo, e por isso o protegia. Quando o ouvia, ficava perturbado, mas escutava-o com prazer.

Entretanto, chegou um dia oportuno, quando Herodes, no seu aniversário natalício, ofereceu um banquete aos grandes da corte, aos oficiais e às principais personalidades da Galileia. Entrou então a filha de Herodíades, que dançou e agradou a Herodes e aos convidados. O rei disse à jovem: «Pede-me o que desejares e eu to darei». E fez este juramento: «Dar-te-ei o que me pedires, ainda que seja a metade do meu reino». Ela saiu e perguntou à mãe: «Que hei de pedir?». A mãe respondeu-lhe: «Pede a cabeça de João Batista». Ela voltou apressadamente à presença do rei e fez-lhe este pedido: «Quero que me des sem demora, num prato, a cabeça de João Batista».

O rei ficou consternado, mas por causa do juramento e dos convidados,

não quis recusar o pedido. E mandou imediatamente um guarda, com ordem de trazer a cabeça de João. (Marcos 6, 17-29, Evangelho de 29.8.2016)

Foi o dom de Deus que faz graça, o filho da velhice de Zacarias e Isabel

Foi o asceta da sobriedade nas terras solitárias do deserto.

Foi a voz, grito profético diante da vinda terrível e misericordiosa do Senhor.

Foi a mão que imergia nas águas do Jordão, na onda que restaura a vida e destrói o pecado.

Foi o mestre que ensinava aos seus discípulos as palavras e os gestos da oração.

Foi o dedo, indicador dirigido a mostrar o Cordeiro, o Homem das dores que, na humilhação, não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro.

Foi o amigo do Esposo, capaz de se alegrar diante das bodas de Deus com a humanidade.

Foi um profeta, aliás, mais do que um profeta: não uma cana batida pelo vento, que se deixa vergar pela sedução de palavras fáceis ou cómodas, mas a franqueza de quem fala com tons tempestuosos e sem hesitações.

Foi a lâmpada que arde e resplandece, à luz da qual há alegria, porque a sua luz é testemunho da verdade.

Mas agora essa lâmpada extingue-se, porque a sua luz é sufocada pela violência de um poder cego e surdo, pela banalidade do capricho que espezinha a vida de um outro, na ridícula tentativa de calar, pelo sangue, uma verdade demasiado incômoda, e, todavia, demasiado verdadeira.

Na efusão do sangue, no martírio consumado na penumbra de um cárcere, João leva ao cumprimento a sua parábola de diminuição: desde o início da sua missão, com efeito, Batista sabia que Cristo devia crescer, devia encontrar espaço, visibilidade e escuta para manifestar a presença de Deus no mundo, enquanto ele

era chamado a diminuir, a fazer-se pequeno, marginal.

João viveu verdadeiramente à frente do Senhor: no nascimento e na morte, da inesperada concepção ao ministério público até ao sangue do seu assassinato, foi prenúncio, mensageiro e precursor de Cristo, o pioneiro da novidade do Deus que vem. Como canta a Igreja do Oriente: «Nascendo de uma estéril, precedeu o nascimento desde uma Virgem; e com a decapitação foi precursor da crucificação daquele que criou o universo».

Agora aquele que gritava no deserto torna-se mudo, a voz que preparava a Palavra cala-se, mas a morte não tem o poder de sufocar o seu grito, porque na eloquência do sangue «o ouvido escuta, a voz confessa e o coração perdura naquele que desaparece...» (J.-Y. Hameline).

Ir. EMANUELE / In "Monastero di Bose" / Trad.: Rui Jorge Martins / Publicado em 29.08.2016



S. João Batista (det.) | El Greco | 1600